

AINDA É POSSÍVEL CRIAR MONSTROS? SATANIZAÇÕES NA LITERATURA DE FUNDAÇÃO LATINO-AMERICANA

Pedro Sette Câmara e Silva

Resumo: A literatura de fundação nacional brasileira e argentina vive uma contradição. De um lado, busca designar um monstro que personagens e leitores possam combater unanimemente, transferindo para ele todo o mal. De outro, explicita o mecanismo que faz com que o monstro designado seja apenas um bode expiatório, parte de um ciclo retributivo de violência. Esse impasse está presente em *Facundo* (1845), de Domingo Sarmiento, obra jornalística que atribui a barbárie ao caudilho Facundo Quiroga, e em *O Guarani* (1857), de José de Alencar, em que os aimorés passam de justos vingadores a monstros disformes.

O caso de *Facundo*

O leitor brasileiro que, como um completo desavisado, abre *Facundo, ou Civilização e Barbárie*, o texto fundador da literatura argentina, se depara com a voz serena e altiva de um homem injustiçado.

Domingo Sarmiento, general na guerra do Paraguai, ministro da Educação, e, por fim, presidente da república Argentina, exilara-se no Chile em 1845 após ter sido surrado por soldados do general Rosas, então presidente do país. Isto é o que ele conta na breve introdução do livro. O primeiro capítulo, parte de uma série publicada em jornal no Chile, começa evocando a “sombra terrível de Facundo”, mas Facundo mesmo, como personagem real, Facundo Quiroga, o caudilho que dá título ao livro, só reaparecerá no quarto capítulo.

São páginas suficientes para que o leitor desavisado o esqueça um pouco, e se concentre nas argutas análises da violência argentina, sempre vistas como retribuições. O subtítulo “Civilização e Barbárie” não remete a uma mera contraposição, mas a uma relação complexa, pois o próprio Sarmiento admite a culpa da “civilização” na existência da barbárie. Logo no primeiro capítulo de *Facundo*, ele nos informa que Buenos Aires era uma capital civilizada que negava a civilização à província. A província reagia, mandando-lhe por exemplo o ditador Rosas, e Buenos Aires por sua vez vingava disto, num daqueles ciclos de violência que parecem remontar à origem dos tempos e que tornam irrelevante a pergunta “quem começou?”.

Vejamos o texto de Sarmiento, na tradução de Sergio Alcides publicada pela Cosac Naify:

Buenos Aires já seria a Babilônia americana se o espírito do Pampa não tivesse soprado sobre ela (...) Somente ela, na vasta extensão argentina, está em contato com as nações europeias; somente ela explora as vantagens do comércio estrangeiro; somente ela tem poder e rendas. Em vão as províncias lhe têm pedido que lhes deixe passar um pouco de civilização, de indústria e

de população europeia: uma política estúpida e colonial se fez surda a tais clamores. Mas as províncias se vingaram, mandando-lhe em Rosas muito e demasiado da barbárie que nelas sobrava.

(...) Buenos Aires, agora, em vez de mandar luzes, riqueza e prosperidade ao interior, manda-lhe apenas cadeias, hordas exterminadoras e tiranetes subalternos. Também se vingam do mal que as províncias lhe fizeram ao lhe prepararem Rosas!

O leitor que juntasse este trecho à “sombra terrível de Facundo” não teria dificuldade para entender de onde ela veio: da interação maldita entre Buenos Aires e as províncias. No entanto, no decorrer do livro, o excepcionalismo das maldades de Facundo Quiroga é ressaltado, e a lembrança que fica é a de uma justa condenação unilateral da barbárie.

Existem, portanto, dois pontos de vista, dois focos de identificação. Primeiro, Sarmiento explica um sistema de retribuições como quem escrevesse de fora, fazendo com que seu distanciamento geográfico, no Chile, corresponda a um distanciamento emocional. Segundo, Sarmiento escreve como parte interessada, envolvida. Ao escrever *Facundo*, pretende produzir um panfleto contra o general Rosas. O caudilho biografado é identificado com Rosas, o primeiro sendo a versão emotiva e crua da violência, e o segundo, sua versão aperfeiçoada, calculista, e não menos brutal.

Passamos a ler *Facundo* já não exatamente desavisados, mas com grande estranhamento: como pode uma obra propor que a explicação da barbárie e da violência está na relação viciada entre Buenos Aires e as províncias, ao mesmo tempo em que sugere que a barbárie tem uma origem pessoal, unilateral? Sarmiento explica ao leitor *por supuesto* civilizado que ele tem parte na violência, mas também indica que aquilo que deve ser rejeitado está fora dele.

Essa contradição não se resume ao texto fundador da literatura argentina. Ela também reaparece, nove anos depois, em 1856, no romance mais estreitamente associado à ideia de fundação da literatura nacional brasileira: *O Guarani*.

O Guarani

Apesar de *O Guarani* ser associado ao peculiar amor de Peri e Ceci, sua trama é a de um romance de aventuras, e José de Alencar demonstra não apenas uma percepção aguda da violência, como também uma verve de romancista que ao mesmo tempo expõe um ciclo de reciprocidades e dá ao leitor a possibilidade de localizar o mal em personagens, não em relações.

A trama principal de *O Guarani* é a história da intensificação de uma vingança. Dom Diogo, filho mais velho do fidalgo Dom Antônio de Mariz, radicado nas serras do que hoje é o

estado do Rio de Janeiro, mata acidentalmente uma índia aimoré. Dom Antônio de Mariz compreende a gravidade do assunto e diz que vai mandar o filho para a Bahia a fim de protegê-lo. Mesmo que não fale sequer em tentar reparar o mal feito aos aymorés, Dom Antônio demonstra estar ciente de que um ciclo de vinganças está para nascer.

E o que acontece?

Os aimorés irmãos da índia morta tentam matar Ceci, filha de Dom Antônio, que tomava banho de rio. Peri, índio agregado à casa de Dom Antônio, salva Ceci, matando os outros índios. Dom Diogo, por sua vez, não vai para a Bahia: vai para o Rio de Janeiro buscar ajuda, porque Dom Antônio e Peri sabem que agora os aimorés virão em massa para vingar-se.

Evitemos, é claro, pensar em justiça; entendamos que o próprio romance nos guia pela lógica da retribuição até este ponto, e recordemos que o assassinato acidental não provocou em Dom Antônio qualquer desejo de reparação que pudesse evitar uma catástrofe.

A partir do ataque a Ceci, os aimorés passam a ser descritos como “feras”, como “nação degenerada”. Quando enfim ocorre o ataque em massa à casa de Dom Antônio de Mariz, o grupo dos Aymorés em combate é comparado a “partes de um só corpo, membros de algum monstro desconhecido debatendo-se em convulsões”.

Nem é preciso insistir no paralelismo óbvio: a casa de Dom Antônio de Mariz é a civilização cercada pela barbárie.

No entanto, recordemos: os Aymorés foram se tornando monstruosos à medida que se aproximou a sua vingança, considerada, se não “justa”, ao menos compreensível segundo o próprio ponto de vista dos personagens do romance.

Instabilidades

Os aimorés podem ser transformados de vingadores em monstros, mas a verdade é que, entre os personagens principais do romance, apenas Dom Antônio, Ceci, e Peri não passam por transformações fundamentais. Mesmo no caso de Dom Antônio, existe uma instabilidade básica em sua situação, e, no período em que se passa a trama, toda a sua casa nas serras, assim como seus arredores, está marcada por ambiguidades.

Primeiro, por mais que Alencar abra o livro falando da clara hierarquia entre os rios que banham aquelas serras, a posição hierárquica de Dom Antônio é posta em questão por ele próprio. A ação se passa em 1614, em pleno período de União Ibérica, e Dom Antônio considera estar em território português, julgando estar sendo fiel a um rei português inexistente, pois, como vale recordar, a coroa espanhola assumiu a portuguesa seguindo as regras da tradição

dinástica após o desaparecimento de Dom Sebastião. Mais ainda, mesmo que Dom Antônio se revolte contra a situação oficial de seu reino, não há ninguém por perto para reprimi-lo por essa insubmissão. Segundo, Dom Antônio mantém em casa uma filha ilegítima, que a irmã Ceci trata por “prima”, e que a madrasta detesta.

No começo da história, após a apresentação do cenário, temos outras instabilidades. Uma tropa de aventureiros avança pela mata, voltando à casa de Dom Antônio de Mariz. O líder, Álvaro de Sá, é alcançado e emparelhado pelo aventureiro Loredano, e este começa a espicaçar aquele, questionando sua liderança. Loredano, por sua vez, não era quem era: antes de ser aventureiro, tinha sido frade, mas abandonou a vida religiosa por causa da cobiça, assumindo nova identidade.

O motivo de Loredano espicaçar Álvaro é que Álvaro ama Ceci, e Loredano a deseja. No entanto, nos poucos dias que separam o começo da trama principal do ataque dos aimorés, o profundo amor de Álvaro por Ceci será todo dirigido para Isabel, junto de quem irá morrer.

Peri, por sua vez, é a própria instabilidade. Primeiro, em contraste com os brancos que seguem a cavalo, o índio confunde-se com a natureza selvagem, tornando-se mais onça do que uma onça de verdade, a fim de submetê-la e de levá-la viva para que Ceci a visse na casa.

Peri vive como uma espécie de agregado, um José Dias superlativo nas ações e econômico nas palavras. Não dorme na casa, não come à mesa. Seu amor por Ceci está associado a uma visão em que a identificava com a Virgem Maria, o que, do ponto de vista católico, é no mínimo muito esquisito. Mesmo com a visão, reluta em deixar-se batizar; mas deixa-se batizar apenas por causa de Ceci, sem que haja em qualquer momento uma insinuação de amor sexual do índio pela menina.

Assim como o leitor é sutilmente envolvido na instabilidade, identificando-se com os personagens, um outro personagem não se deixa envolver por ela de jeito nenhum, e enxerga primeiro em Isabel, mas depois em Peri, algo que não se deve tolerar.

Trata-se de Dona Lauriana, esposa de Dom Antônio — a qual, a propósito, também vai mudar de disposição básica.

No sexto capítulo da primeira parte, ela minimiza o assassinato acidental da índia por seu filho dizendo que “é preciso ver que casta de mulher é esta, uma selvagem”, o que mostra que sua atitude em relação a Peri já derivava de uma atitude geral em relação aos índios.

E, mesmo tendo o índio salvado a vida de sua filha, Dona Lauriana deseja vê-lo fora de sua casa quase a qualquer custo, o que fica evidente no episódio da onça que Peri trouxe viva para mostrar a Ceci:

Era o corpo de delito, sobre o qual pretendia basear o libelo acusatório que ia fulminar contra Peri.

Por diferentes vezes a dama tinha procurado persuadir seu marido a expulsar o índio que ela não podia sofrer, e cuja presença bastava para causar-lhe um faniquito.

Mas todos os seus esforços tinham sido baldados; o fidalgo com a sua lealdade e o cavalheirismo apreciava o caráter de Peri, e via nele embora selvagem, um homem de sentimentos nobres e de alma grande. Como pai de família estimava o índio pela circunstância a que já aludimos de ter salvado sua filha, circunstância que mais tarde se explicará.

Desta vez porém, D. Lauriana esperava vencer; e julgava impossível que seu marido não punisse severamente esse crime abominável de um homem que ia ao mato amarrar uma onça e trazê-la viva para casa. Que importava que ele tivesse salvado a vida de uma pessoa, se punha em risco a existência de toda a família, e sobretudo a dela?

Porém, logo após elaborar esse plano, Dona Lauriana é informada de que Peri pela segunda vez salvou a vida da filha Ceci, e finalmente se convence a aceitar o índio.

Conclusão

Voltando à Argentina, encontramos um movimento análogo ao de *Facundo*. O narrador aponta o mecanismo da retribuição; porém, envolvidos nesse mecanismo, que sempre se acelera, os personagens contagiam o próprio narrador, que sataniza um dos lados.

Esse mecanismo pode funcionar para envolver o leitor durante a leitura, mas a reflexão posterior o cancela ao trazer à memória a explicação que o próprio texto dava para a violência.

E, se falamos de textos de fundação, esse impasse fundamental pode ajudar a explicar a improdutividade política desses artefatos culturais. De um lado, a Argentina ficou do lado de Sarmiento, que é celebrado por toda parte, ainda que o país não tenha seguido seu liberalismo modernizador. De outro, foi dentro do próprio romance que Alencar escolheu a via da anulação de todas as diferenças pela anulação de todos os personagens: Dom Antônio explode a casa com todos os moradores, e é só por causa do romance posterior *As Minas de Prata* que sabemos que ele sobrevive. Peri e Ceci escapam da explosão, mas têm um futuro aberto em meio a um dilúvio cujas proporções apocalípticas mimetizam a decisão humana de Dom Antônio de explodir tudo.

Os culpados foram e não foram aqueles monstros.